

# BIS lucra US\$ 180 milhões em 87

por Ângela Bittencourt  
de Brasília

Em francos, ouro ou em dólares o resultado é o mesmo. Em 1987 o Banco para Compensações Internacionais (BIS) apurou um lucro de US\$ 180 milhões. Desse total, US\$ 50 milhões foram distribuídos como dividendos aos acionistas e US\$ 130 milhões incorporados à reserva do banco central dos bancos centrais.

O secretário-geral da instituição, Giampietro Morelli, revela que atualmente o capital mais as reservas do BIS atingem US\$ 2 bilhões. O caixa da instituição em Nova York, Londres e Berna abriga, ainda, nada menos que 200 toneladas de ouro.

Embora caracterizado como um banco central, o BIS — que foi criado em 1930 e batizado com o inquietante nome *Bank für Internationalen Zahlungsausgleich* — ganha dinheiro administrando seu "spread" (margem de ganho) como qualquer outra instituição bancária.

"Cobramos uma porcentagem sobre nossos serviços", diz Morelli. "Prestamos serviços a qualquer banco central e ficamos com menos de 0,25% sobre o custo do dinheiro que captamos junto aos nossos clientes, que são os bancos centrais".

Embora tendo como tomadores e depositantes apenas os bancos centrais, o BIS possui acionistas privados. "Somos uma sociedade por ações. Temos 430 mil ações subscritas. Mas, como alguns países não quiseram comprar as cotas a que tinham direito — como os Estados Unidos — 16% dessas ações estão nas mãos de acionistas privados. Também parte da cota de ações da França e Bélgica estão circulando no mercado financeiro", relata Morelli.

As ações do BIS são negociadas normalmente fora dos pregões das Bolsas de Valores. Parte da cota que pertence ao banco central da França é negociada na Bolsa de Valores de Paris. Na Suíça e Bélgica, porém, os negócios são feitos fora de pregão.

Em 1987 o BIS pagou por ação 155 francos suíços. Morelli lamenta que este valor esteja 2,5% mais baixo neste início de ano. A queda da cotação do papel reflete, contudo, uma expectativa singular: a de que os preços do ouro no mercado internacional poderão cair nos próximos meses.

Esta relação se aplica na medida em que no mercado internacional os investidores traçam um paralelo entre as reservas do BIS (constituídas em boa parte em ouro) e as cotações do metal nas principais bolsas.

"Quando se fala do BIS a gente pensa logo em ouro", comenta um alto executivo de um dos maiores bancos suíços. "E a razão remonta à origem da instituição e a sua forte ligação com a Alemanha Nazista da década de 40".

Verdade ou mentira ninguém sabe, mas comenta-se que boa parte das reservas do BIS foi formada por ouro tirado de óculos, cigarreiras e dentes dos judeus perseguidos durante a Segunda Guerra Mundial. No BIS não se comenta o assunto. "O banco usa o ou-

ro quando precisa dele para atender algum cliente", resume Morelli. Quando ele não é necessário fica entesourado em Nova York, Londres ou Berna.

Morelli garante que, no suntuoso edifício circular de dezessete andares que ocupa um quarteirão inteiro na Centralbahnplatz da Basileia, o BIS não guarda nada de valor. Um sofisticado esquema de segurança, porém, parece dizer o contrário, pois impede a entrada de qualquer pessoa. Alguns conseguem transpor a recepção, mas também só têm acesso aos elevadores se a segurança permitir. Os elevadores só funcionam quando acionados por chaves especiais que estão presas a correias e à cintura de alguns secretários.

No BIS pode faltar dinheiro em espécie, mas seguramente não falta movimento. Todos os meses pelo menos três reuniões são feitas na sede da instituição na Basileia. Incrustada exatamente na fronteira que a Suíça faz com a França e a Alemanha, a Basileia recebe todos os meses presidentes dos bancos centrais de vários países que se encontram para discutir a política monetária internacional.

Os presidentes dos bancos centrais dos dez países mais industrializados do mundo só deixam de se reunir em agosto e em outubro. Em agosto porque é o mês de férias escolares na Europa, e outubro porque todos vão à reunião do Fundo Monetário Internacional (FMI). Reúnem-se tam-

bém no BIS os governadores dos países que compõem a Comunidade Econômica Européia. Há, ainda, duas reuniões por ano com os países da Europa Oriental.

Entre uma reunião e outra encontram-se, na Centralbahnplatz número 2, grupos técnicos dos bancos centrais para analisar a política cambial, monetária, de taxas de juro, automação bancária e, também, de supervisão bancária. Todos os bancos centrais podem usar os serviços do BIS ou serem depositários de reservas, não apenas em ouro. "O Brasil é um grande cliente", constata Morelli.

O secretário geral, contudo, prefere não revelar qual a posição do Brasil junto ao BIS, se tomador ou devedor. Nem tampouco se o país tem reservas entesouradas sob os cuidados da instituição. Morelli defende-se como todo banqueiro: "Isto é um segredo bancário. Nós garantimos aos bancos centrais com quem trabalhamos que o segredo sobre as operações será absoluto. Esta é a fórmula do sucesso e nós precisamos ganhar nosso dinheiro".

Tendo sido deslocado do banco central da Itália para o BIS há dez anos, Morelli, que é casado com uma peruana e visita todos os anos o Brasil, confessa que há dois anos o BIS prestou um serviço ao País.

"Enquanto o governo brasileiro discutia as condições de um empréstimo com o Fundo Monetário Internacional e o Fundo definiu sua posição, nós fizemos um empréstimo-ponte ao Brasil de curto prazo, cerca de três ou quatro meses apenas."

**BANCO DO BRASIL** — Em assembleia, realizada ontem à noite, no Circo Voador, no Rio, os funcionários do Banco do Brasil decidiram por uma paralisação de uma hora, hoje, das 12h30 às 13h30. Dos 10 mil funcionários da instituição, no Rio, mais de 600 compareceram à assembleia. "Não se trata de uma luta pela volta da Calazans, mas sim de uma luta contra o Ministério da Fazenda, contra o Sarney e contra o FMI", disse o vice-presidente do sindicato dos bancários, Ciro Garcia, ao defender a proposta de paralisação por uma hora.